

**Eric Hobsbawm, por ele mesmo, em *Tempos Interessantes*:
uma vida no século XX**

Eric Hobsbawm, by himself, in *Interesting Times: A Twentieth-Century Life*

Mauro Marques¹

Resumo: Este texto tem como objetivo analisar a autobiografia de Eric Hobsbawm desenvolvida na obra *Tempos Interessantes: uma vida no século XX* (Cia das Letras, 2002). Para isso será dialogado com elaborações de alguns autores a cerca do gênero biográfico e autobiográfico, discutindo temas como memória seletiva, consideração sobre si mesmo, narrativa pessoal e o papel do indivíduo no espaço macro. Ao analisar tal livro, interessa perceber como Hobsbawm se vê como historiador, autobiografado e passageiro especial durante o conturbado século XX, como ele mesmo define. Tais reflexões, por hipótese, pretendem contribuir e problematizar elementos a cerca do gênero biográfico e seus encontros com a historiografia também percebendo limites, possibilidades e paradoxos como a memória seletiva do autor, ao lembrar sua longa vida e selecionar os aspectos fundamentais os quais desejou ver na obra que tematiza sua própria existência.

Palavras-chave: Eric Hobsbawm; Autobiografia; Século XX.

Abstract: The aim of this text is to analyze the autobiography of Eric Hobsbawm developed in the work in *Interesting Times: A Twentieth-Century Life* (Cia das Letras, 2002). To this will be conferred with elaborations of some authors about the biographical and autobiographical genre, discussing topics such as selective memory, consideration of self, personal narrative and the role of the individual in the macro space. In analyzing this book, interested to see how Hobsbawm is perceived as a historian, in this biography about yourself and a special passenger during the turbulent twentieth century, as he defines it. Such reflections, by definition, are intended to contribute and discuss elements about the biographical genre and his meetings with the historiography also realizing limits, possibilities and paradoxes as the selective memory of the author, remembering his long life and select the key aspects which wished to see the work that thematizes its own existence.

Keywords: Eric Hobsbawm; Autobiography; Twentieth Century.

A autobiografia de um historiador

O presente artigo pretende analisar as reflexões e escritos autobiográficos de Eric Hobsbawm em seu livro *Tempos Interessantes: uma vida no século XX* (Cia das Letras, 2002), concluído logo após os acontecimentos de 11 de setembro, nos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, busca discorrer sobre o gênero biográfico e especialmente autobiográfico em seus encontros com a História a partir do exemplo que esta obra, bem como das leituras e interpretações que a mesma pode nos indicar em tal aproximação. Vale ressaltar, inicialmente, a significância de um trabalho deste tipo escrito por um historiador, que chega a problematizar tal questão ao longo do texto de quase quinhentas páginas.

Segundo o próprio Hobsbawm, a autobiografia de um intelectual dedica-se a analisar suas ideias, atitudes e ações e seria como “pensar em si próprio como nunca

¹ Doutorando em História na UNISINOS (Universidade do Vale Rio dos Sinos), professor da rede pública na cidade de São Leopoldo/RS.

antes”. O ainda como “raspar as camadas geológicas de três quartos de século e resgatar, ou descobrir, um desconhecido sepultado, reconstruindo-o” (HOBSBAWM 2002, p. 73). Logo no início de seu texto, o autor esclarece o que não pretende fazer em sua narrativa: uma “confissão”, até por sua vida não fazer parte de um grupo em que a vida pública seja de grande interesse, inclusive sexualmente. Também não seria, segundo ele, uma apologia do próprio autor, mas um entendimento da História do século XX. Hobsbawm, neste sentido, se enxerga como uma espécie de observador participante: “Em minha vida, atravessei quase todo o século mais extraordinário e terrível da humanidade” (HOBSBAWM 2002, p. 11).

Tal auto definição se aproxima do conceito de Miraux, para quem a “autobiografía es entonces el precioso instrumento que emplea el escritor para trazar la línea de su vida”, (MIRAUX 2005, p. 65). Assim, a autobiografia aborda uma parte da trajetória do indivíduo e tal escrita acaba permeada pela contraposição relacional entre lembrança e esquecimento. Portanto, existe, como tendência, uma relativa distância entre o que foi vivido e o que se escreve: “entre la vida y su representación” (MIRAUX 2005, p. 14), o que se percebe em inúmeras passagens de *Tempos Interessantes*.

Ainda, segundo Miraux, quem escreve suas recordações aceita selecionar, cortar ou omitir. Mesmo em uma obra de fôlego com cerca de quinhentas páginas, cabe ao autobiógrafo selecionar segundo uma série de condicionantes o que estará ali colocado para seus leitores, o que pode parecer mais ou menos explícito (MIRAUX 2005, p. 65). Para definir o gênero do texto escolhido por Eric, parece razoável considerar que o autor desenvolve um pouco do estilo ‘memórias’, onde privilegia o entorno social, como guerras, situação política do país, ou como auto-retrato que prevalece o comentário argumentativo no qual “el autor intenta explicar su actuación según los rasgos psicológicos y sociales que el mismo se asigna”, (BECKER , 1999).

Cético quanto ao gênero biográfico, vale selecionar Bourdieu, para quem os escritos biográficos tendem a aproximar-se de uma espécie de modelo ou apresentação oficial de si mesmo, como uma carteira de identidade ou *curriculum vitae*, incluindo aí a filosofia da identidade que o sustenta. Assim, segundo ele, pressões do mercado e da forma de se ver influenciam o conteúdo deste gênero literário (BOURDIEU 1996, p. 188). Como aplicar isso em *Tempos Interessantes*? Não parece ser o mercado um elemento de pressão na obra específica de Hobsbawm, embora valha considerar que o espaço editorial conquistado durante sua vida contribuiu para o sucesso de tal publicação. Mas isso não se confunde com uma suposta pressão do mercado editorial

que possa definir as formas de expressão que o autor vai desenvolver em suas páginas. Por outro lado, a ‘forma de se ver’ parece impossível de não influenciar a escrita, sendo, ao fim e ao cabo, a essência da autobiografia.

Sobre o reconhecimento do gênero biográfico na historiografia, Moraes, ao analisar as biografias escritas por Leminski recorda como tal estilo voltou a ser objeto de interesse dos historiadores, após longo período de rejeição, no qual se privilegiou a longa duração e estruturas em parte contraditórias com a possibilidade de compreender o espaço de tempo de uma vida individual e sua importância no macro. Assim, ao retornar com algum destaque, a biografia passou a ser pensada como um gênero no qual seria possível, a partir do indivíduo, ter acesso a realidades mais abrangentes ou, por outro lado, como um deslocamento do olhar em direção às distintas possibilidades de reconstrução do eu. Em hipótese, parece que *Tempos Interessantes* mostra um pouco das duas possibilidades. Segundo Moraes, ainda,

(...) o debate que teve lugar na historiografia dos últimos trinta anos, mais do que escolher entre essas duas alternativas, tornou mais complexas as relações entre história e biografia. A partir dele, historiadores repensaram as questões da agência dos sujeitos, da inserção destes em grupos e instituições, do uso da narrativa e da imaginação na escrita da história, e da multiplicidade das construções identitárias, entre outras (MORAES 2015, p. 193-194).

Neste sentido, em *Tempos Interessantes*, Hobsbawm se coloca como alguém que atravessou um século, o que aparece com clareza na seleção narrativa do autor ao vincular sua vida privada e os acontecimentos macro e contextos políticos ampliados. Se bebemos das elaborações de Pons, se trata de uma micro historia global que busca analogias, conexões, encontros entre mundos não facilmente conciliáveis (PONS 2013, p. 161). Mesmo que Hobsbawm não se inscrevesse nas tendências de micro história, se considerando um anti especialista, tal aproximação se faz possível. Desta forma, o estilo autobiográfico escolhido por ele se dá de uma “manera en la que lo local se conecta inexorablemente con lo global, esa es la historia conectada o cruzada de la que hemos venido hablando. O al menos una de ellas”, (PONS 2013, p. 173).

Ao mesmo tempo, se percebe em *Tempos Interessantes* a centralidade da política na vida Eric, além da dedicação ao marxismo e da defesa do comunismo em boa parte dela, em que pese às críticas advindas do autor ao socialismo realmente existente, de matriz soviético. O fórum íntimo está presente no texto desenvolvido, mas em segundo

plano, superado pelas experiências de encontro permanente com a História, as quais inúmeras vezes se deram de forma presencial em acontecimentos fundamentais do século passado, como no Entre Guerras, na Segunda Guerra e no Maio de 68 francês, como exemplos. Não sendo a caricata figura de *Forrest Gump*, Hobsbawm esteve presente de forma privilegiada para um historiador do século XX, o qual escreveu com destaque sobre o mundo contemporâneo, o que inclui tal temporalidade.²

Apesar disso, Hobsbawm não se absteve de comentar sobre si mesmo ao definir-se como um marido “(...) frequentemente distraído, mal-humorado e às vezes desestimulado passou menos no presente do que no passado que procurava registrar no papel” (HOBSBAWM 2002, p. 12). Também sua origem étnica não escapou a racionalidade do historiador, pois ao comentar seu berço judaico foi claro em não ter “obrigações emocionais” nem à prática de uma velha religião nem a Israel, segundo ele um “pequeno, militarista, culturalmente decepcionante e politicamente agressivo Estado-nação” (HOBSBAWM 2002, p. 40). Hobsbawm sempre manteve um padrão forte de criticidade e independência em todas as áreas por onde percorreu durante sua existência intelectual.

Do Egito a Inglaterra

Hobsbawm praticamente não reconhece seu nascimento na nação egípcia, onde esteve formalmente ligado, mas apenas “em forma de documentação oficial, não faz parte da minha vida” (HOBSBAWM 2002, p. 17). Logo, a família se transferiu para Viena, momento no qual o autor tinha ao redor de dois anos de idade e lá viveu a primeira infância, já envolvido com os elementos políticos da época, clima propício para começar a se definir como ‘vermelho’:

Vivíamos numa era engolfada pela política, embora os temas do mundo a nossa volta somente nos chegassem, como disse, pelas conversações que ouvíamos dos adultos e cujo significado as crianças não assimilavam completamente. (...) sabíamos que tinha havido uma revolução na Rússia, mas do que se tratava exatamente? (HOBSBAWM 2002, p. 27).

² Tal filme, lançado em 1994 sob direção de Robert Zemeckis, retrata cerca de quarenta anos da história dos Estados Unidos durante o século XX, vistos pelos olhos de Forrest Gump, vivido pelo astro Tom Hanks. Gump é um rapaz com QI abaixo da média e boas intenções o qual, durante sua vida, em geral como obra do acaso, consegue participar de momentos cruciais, como a Guerra do Vietnã e a crise do Watergate de Nixon, entre outros episódios. Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-10568/>, acesso em 7/5/2016.

O autor se define ‘vermelho’, especialmente a partir da relação escola, família e pelos amigos com origem na classe trabalhadora ferroviária, tudo combinado com o espírito de esquerda de parte da família. Vale ressaltar que Hobsbawm cresceu num ambiente de queda de qualidade de vida verificado após 1914, o que marcou os anos 1920, em especial, para o historiador de origem judia: “(...) sabíamos que éramos judeus e não poderíamos deixar de sê-lo” (HOBSBAWM 2002, p. 37). O explosivo contexto do avanço nazista e a proximidade da Segunda Guerra entraram no lar dos Hobsbawm e ficou registrado de certa forma na memória do muito jovem e futuro historiador: “Ainda recordo o momento de choque, aos treze anos, quando meus pais receberam a notícia da eleição alemã para o Reichstag, que transformou o Partido Nacional Socialista de Hitler na segunda força do país” (HOBSBAWM 2002, p. 38).

Tais tempos de decadência econômica, social e política podem deixar marcas na memória de qualquer um: “Não tenho dúvidas de que também eu devo trazer em algum lugar dentro de mim as cicatrizes emocionais daqueles anos sombrios” (HOBSBAWM 2002, p. 58). Tal época atingiu a família Hobsbawm e tantas outras. Politicamente, ocorreu a migração de milhares para o campo político do (s) partido (s) comunista (s), inclusive familiares do autor e pessoas que o cercavam. Assim, desde muito jovem, Hobsbawm passa e caminha ao lado de acontecimentos centrais do século passado, os quais a maioria conhece apenas por relatos, pela Escola ou escrito por alguém, mas que chegaram ao autor “pelos cartazes de rua, pelos jornais diários e pelos periódicos que havia em casa” (HOBSBAWM 2002, p. 67).

Como drama familiar, rapidamente, entre os anos 1929 e 1931, Eric perdeu seu pai e sua mãe, o que forçou sua transferência para Berlim num contexto familiar de dificuldades, desemprego e falta de dinheiro. Sempre a memória ou a falta dela é demonstrada como fonte para alguém escrever sobre sua vida e quando no episódio da perda do pai, o autor deixa isso evidente, pois diz lembrar vagamente apenas “de ter sido uma noite escura em que minha irmã e eu fomos levados, meio adormecidos, de nosso quarto para o quarto de nossos pais e nos disseram vagamente que uma coisa terrível havia acontecido”. Além disso, ao falar sobre seu pai em nome do pequeno Eric dos anos 1920, arremata: “não tenho quase nenhuma lembrança dele” (HOBSBAWM 2002, p. 44).³ Com a morte dos pais, tudo se vai “ladeira abaixo”

³ Eric cita como fontes para sua narrativa, além do recurso físico da memória, o uso de cartas da mãe, seu diário pessoal, fotos e mesmo relatos de outras pessoas. São as fontes tradicionais, em especial para

(HOBSBAWM 2002, p. 43) e ele sai de Viena para Berlim onde são consolidadas as visões de esquerda que marcariam o historiador por toda a sua vida: “Os meses que passei em Berlim me tornaram comunista pra o resto da vida” (HOBSBAWM 2002, p. 73). Na polarizada realidade política da Alemanha, foi oferecido o comunismo como opção para o menino judeu emocionalmente inclinado à esquerda.

Sobre tal período, Fortes contribui ao escrever sobre Hobsbawm e considerando-o como integrante da geração antifascista no período de sua juventude. Daí se origina, provavelmente, a ideia de unidade das correntes operárias contra o inimigo comum (ameaça fascista), o que na concepção de Eric chegou até a defesa nacional, via Frentes Populares, temas tão presentes e defendidos nas obras do autor e nem sempre a linha dominante do *Komintern* da Internacional Comunista (FORTES, 2013). E foi neste cenário, em março de 1933, no contexto de campos de concentração oficializados e ilegalidade do partido comunista, que o jovem Eric parte de Berlim para a Inglaterra. A vida instável e as constantes mudanças marcam assim esta primeira fase de sua vida. “Era mais uma mudança desorientadora na vida já desenraizada de uma criança deslocada” (HOBSBAWM 2002, p. 94).

Na Inglaterra, a imensidão de Londres impactou o jovem Eric, que ao ser avaliado pelo velho Hobsbawm não se considera um refugiado, mas parte da nação britânica: “Éramos súditos do rei George V, e portanto não éramos de forma alguma refugiados nem vítimas do nacional-socialismo, como ainda tenho de recordar a entrevistadores e outros curiosos” (HOBSBAWM 2002, p. 96). Em 1935, o autor realizou exames de admissão em Cambridge, importante acontecimento que definiria a vida acadêmica e profissional do historiador, pois para ele “meu futuro está no marxismo, no magistério, ou em ambas as coisas” (HOBSBAWM 2002, p. 98). Aparentemente se torna fácil descrever as tendências do futuro quando este já está percorrido, em relação ao tempo analisado na autobiografia, o que na prática é um risco de análise do passado em qualquer narrativa, pois já sugerir tal tendência no momento onde ainda os acontecimentos não estavam maduros é, no mínimo, temerário.

Assim, ao fazer o balanço da sua vida nos anos 1930, Eric comete o tradicional desvio das autobiografias ou biografias que já conhecem as trajetórias lá na ponta, no futuro. Ao analisar seus escritos diários “de 1934-35 fica perfeitamente claro que seu escritor estava se preparando para ser historiador” (HOBSBAWM 2002, p. 116). Qual

reforço ou reativamento da memória mais distante, que pode remontar a sessenta anos ou mais, no caso do autor.

será o limite do ‘perfeitamente claro’? Segundo Alberti, “o escritor, no processo de produção da narrativa, se move continuamente entre o que ‘é’ e o que ‘poderia ser’” (ALBERTI 1991, p. 66). Ao escrever no presente sobre sua vida de tantas décadas anteriores é difícil escapar da tentação de imaginar a vida como um todo orientado ao estilo “desde então ou desde pequeno”, algo também alertado por Bourdieu (BOURDIEU 1996, p. 184).

Independente destas interrogações, na nova vida inglesa, Hobsbawm se aproximou do Partido Comunista daquele país e destacou que jamais teve um cargo expressivo internamente, na estrutura partidária. Neste partido ficaria até o fechamento do mesmo, em 1991. Seu maior cargo político foi fazer parte do secretariado estudantil, mas logo percebeu que não era adequado para tal função e “resignei-me a ganhar a vida de uma forma menos comprometedora” (HOBSBAWM 2002, p. 133). Ainda, em certa altura, se define como um comunista conservador “ao contrário dos rebeldes e revolucionários atraídos à causa pelo sonho de liberdade total para o indivíduo, de uma sociedade sem regras” (HOBSBAWM 2002, p. 101). Possivelmente, tal autorretrato ‘conservador’ se colocou para o autor em função de temas de ordem moral ou comportamental e não propriamente do campo estritamente mais político. Temas de liberdade individual foram comuns nas décadas do pós guerra.

Também foi no seu lar inglês que Hobsbawm se aproximou de outros historiadores daquele país e com estes articulou conceitos influentes na historiografia do século XX. Tal escola de marxistas incluía nomes como Christopher Hill, E. P. Thompson, Leslie Morton, além do autor. Estes historiadores, aliás, conhecidos como marxistas britânicos, também se dedicaram a pesquisa de trajetórias singulares biográficas, como lembra Schmidt: “(...) E. P. Thompson, que escreveu sobre os artistas e literatos (...) Christopher Hill, que dedicou um livro a Oliver Cromwell”. Tal linha de pensamento se esforçou em resgatar a relação entre o indivíduo e o processo histórico indo além da visão mais clássica do marxismo (SCHMIDT 2012, p. 193). A autobiografia de Hobsbawm pode ter bebido desta influência dos seus pares, um pouco mais tardiamente. Curiosamente, nos seus diários de 1936, por exemplo, já se auto definia naquele tempo e registrava conceitos sobre si mesmo, mas ironicamente, quem poderia imaginar que tal manuscrito seria uma espécie de ‘auto fonte’, oitenta anos mais tarde, para lembrar como se dava a auto representação naquela altura?

(...) feio, de cabelos claros e dezoito anos e meio de idade (...) dono de consideráveis conhecimentos gerais, ainda que superficiais, e de muitas ideias originais (...). Não possui sentido de moralidade, completamente egoísta. (...) Deseja ser revolucionário, porém até o momento não demonstrou talento para organização. Deseja ser escritor, porém lhe falta energia e capacidade para dar forma ao material. Não possui a fé que moverá as necessárias montanhas, apenas esperança. É vaidoso e convencido. É covarde. Ama profundamente a natureza. E esquece a língua alemã (HOBSBAWM 2002, p. 118).

A Guerra Fria e o pós 1956

Hobsbawm destacou em sua história a sorte de ter trabalhado em um local relativamente protegido da Guerra Fria e as perseguições àqueles auto definidos como comunistas. Nem tudo, porém, eram flores: “a situação acadêmica não era boa” (HOBSBAWM 2002, p. 206). Mesmo que o autor tenha servido lealmente durante a Segunda Guerra, após ser convocado em 1940, no período do pós guerra, o acirramento ideológico dividiu o mundo entre capitalistas e socialistas, tema, aliás, bastante discutido pelo próprio autor. Durante a guerra, aliás, Hobsbawm afirma ter ampliado sua admiração pelo operariado, por ter servido ao lado de vários. “Eram pessoas boas (...) senti-me aliviado por constatar isso na prática, tanto quanto na teoria” (HOBSBAWM 2002, p.182). Quando das operações de invasão Aliada no norte da França, ele não foi incluído, passando a contribuir em atividades diversas, mas distantes do embate militar, o que, em tese, ajudou na sua sobrevivência física. Em 1946 seria dispensado, evitando a ida a Palestina na confusão construída ali logo no pós guerra entre judeus, árabes e britânicos. Retornou, assim, para a vida acadêmica.

A partir daquele momento acelerou suas atividades escrevendo em várias revistas, como *Past & Present* e participando de eventos no campo da história econômica inclusive de âmbito internacional. Em 1952, visitou a URSS o que “foi minha primeira experiência no país da Revolução de Outubro, mas não seria a única. Não tive vontade de voltar outra vez lá” (HOBSBAWM 2002, p. 221). O ceticismo já parece rondar as análises do historiador, ou esta vontade de não mais voltar ao berço do socialismo realmente existente é o Eric do presente pressionando os desejos do Eric de 1952? Em analogia, podemos lembrar do relato de Moraes sobre as biografias de Leminski, onde estes são apresentados como “sujeitos excessivamente afetados pelo mundo em que vivem, de tal modo que parecem estar acometidos por certo esgotamento” (MORAES 2015, p. 196). É uma forte probabilidade que os

acontecimentos caíam e reforçavam determinado ceticismo do velho historiador, pois anos depois de tal visita relatada, em 1956, forte crise abateu o campo dos historiadores marxistas, a partir da abertura de Krushev e da chamada desestalinização da URSS.

Apesar da significativa evasão de intelectuais e militantes das fileiras dos PCs em todo planeta, após o impacto global das revelações, Eric preferiu permanecer no partido inglês e na sua autobiografia justificou tal opção:

O Grupo de Historiadores se dissolveu no ano da crise comunista, em 1956. Até ali nós - certamente eu – continuamos a ser membros leais, disciplinados e politicamente alinhados do Partido Comunista, sem dúvida auxiliados pela furiosa retórica da cruzada anticomunista do “Mundo Livre”. Mas não foi nada fácil (HOBSBAWM 2002, p. 216).

Após 1956, mesmo optando em permanecer nas fileiras comunistas ao contrário da maioria dos meus amigos historiadores, Eric politicamente se considerava desligado das chamadas “âncoras políticas”, o que não o diferenciava, em parte, da visão daqueles que saíram da organização (HOBSBAWM 2002, p. 242). O motivo de ter permanecido após a grave crise? Segundo o autobiógrafo, foi um certo egoísmo e orgulho e a ideia de vencer e ter sucesso na carreira acadêmica em meio da Guerra Fria sendo um intelectual vinculado ao campo socialista e ocupando tal espaço específico numa realidade polarizada específica. “Não defendo esta forma de egoísmo, mas tampouco posso negar sua força. E por isso fiquei” (HOBSBAWM 2002, p. 244).

Eric foi alguém deslocado em seu tempo nos agitados anos 1960, afinal era um amante do jazz e não poderia, segundo ele, admirar o rock que explodia a partir da Grã Bretanha. Também acompanhou o maio de 1968, estando em Paris durante protestos da juventude, mas de certa forma se manteve cético ante tais acontecimentos: “60: não participei deles. O que escrevi sobre a década de 1960 é o que pode escrever um autobiógrafo que jamais usou jeans” (HOBSBAWM 2002, p. 291). Aqui, mais uma vez aspectos morais e comportamentais são destacados pelo autor numa perspectiva hipoteticamente conservadora. Importa ressaltar que o marxista Hobsbawm não deixou de escrever sobre arte ou cultura e dava a estes fatores destacada atenção e mesmo o complexo mundo das ideias recebeu destaque em seus escritos, afinal, o problema central da pesquisa histórica, para ele, resumido após toda uma vida acadêmica, seria “analisar as influências (sociais) que determinam a forma e o conteúdo da poesia [e, mais geralmente, das ideias] em diferente épocas” (HOBSBAWM 2002, p. 117).

Fruto de todo este período de guerras e crises, apenas próximo dos cinquenta anos de idade, o historiador conseguiu alcançar uma filiação acadêmica em grau honorífico, o que permitiu ampliação de suas possibilidades de pesquisa recorrendo o planeta em palestras, pesquisas e eventos. Segundo Eric, ao chegar nesta altura, ocorreu uma mistura de consolidação profissional e de sua visão política próxima do ceticismo revolucionário. Segundo ele, “depois dos cinquenta anos já não se espera a revolução por trás de qualquer demonstração de massa, por mais impressionante e estimulante que ela seja” (HOBSBAWM 2002, p. 277). No campo acadêmico, ao contrário do ceticismo político, se definiu como “uma figura respeitável e reconhecida, pelo menos academicamente, se não politicamente” (HOBSBAWM 2002, p. 335).

Ainda no campo político, a partir da crise de 1956, Hobsbawm se aproximou das posições eurocomunistas do PC italiano, as quais sugeriam uma gradual transformação do capitalismo a partir da aproximação com outras correntes da esquerda e da formação de sólidos espaços de hegemonia na disputa eleitoral. Eric se aproximou da ideia de Frentes Populares e das interpretações oriundas do pensamento do chamado ‘guru’, Gramsci: “a partir de 1956 considere bem-vinda sua posição política. Ao contrário da Grã-Bretanha, na Itália ainda valia a pena filiar-se ao Partido após 1956” (HOBSBAWM 2002, p. 385).

Hobsbawm, o historiador e o fim

Ao comparar-se com colegas de sua escola marxista, Eric se colocou com certa humildade: “Eu não possuía o gênio e o carisma de Edward, nem tinha vendas como as dele, mas também escrevi sobre os temas e com os sentimentos que atraíam os leitores radicalizados entre os jovens estudantes” (HOBSBAWM 2002, p. 337). Ao mesmo tempo, define-se como um escritor que procurava fazer acima de tudo interpretações históricas marxistas em toda e qualquer leitura, em atividades políticas, ou ainda ao escrever livros ou artigos. Assim, o homem apaixonado pelo jazz, ritmo que substituiria o primeiro amor, pois a vergonha da “minha aparência física e convencido de que era pouco atraente, reprimi deliberadamente minha sensualidade e impulsos” (HOBSBAWM 2002, p. 99). O amor não esteve ausente na vida do autor, em especial no segundo casamento, o qual foi considerado o recomeço de sua vida particular já em meia idade.

Hobsbawm pode ser definido como o homem historiador que atravessou o século XX como testemunha ocular de parte da História, estando próximo ou inserido

em diversos acontecimentos. Isso o autor tenta reforçar na obra *Tempos Interessantes* em inúmeras passagens, ao descrever sua vida, suas problemáticas e méritos. Por vezes, parece que tais momentos misturam vida e História:

O frio dia de inverno em que Adolf Hitler chegou ao poder em Berlim, que recordo vivamente, está imensuravelmente distante para quem tenha vinte anos. A crise dos mísseis de Cuba de 1962, durante a qual me casei, não pode ter significação humana em suas vidas, nem na de muitos de seus pais, pois nenhum ser humano de quarenta anos ou menos havia nascido quando ela ocorreu (HOBSBAWM 2002, p. 449).

Em *Tempos Interessantes*, alguns capítulos estão dedicados a países destacados afetivamente na vida do autor, como Itália, França, EUA e o espaço latino americano, chamado por ele de Terceiro Mundo. Tudo isso não deixa de ser um privilégio da própria vida e suas peculiaridades, dentro do contexto que acabou proporcionando estas possibilidades. Eric se via como alguém que “vem de fora”, nascido no Egito, mas “ligado a muitos países e me senti à vontade neles, e conheci algo de muitos outros”. Ao mesmo tempo, se via como um intruso, “alguém que não pertence inteiramente ao lugar em que se encontra, seja como inglês entre centro-europeus, imigrante do continente para a Grã-Bretanha, judeu em toda parte – inclusive, e especialmente, em Israel”, ou ainda, academicamente, um “antiespecialista em um mundo de especialistas, um cosmopolita poliglota, um intelectual cujas convicções políticas e obra acadêmica foram dedicadas aos não-intelectuais”. Para Hobsbawm, se por um lado todo este contexto complicara sua vida como ser humano privado, acabou sendo uma vantagem profissional como historiador (HOBSBAWM 2002, p. 453).

O recorte temporal de sua autobiografia se encerrou ao redor dos acontecimentos do World Trade Center na cidade de Nova York. Segundo ele mesmo, “As biografias terminam com a morte do biografado, mas as autobiografias não têm esse fim natural” (HOBSBAWM 2002, p. 447). Hobsbawm produziria ainda por mais dez anos, vindo a falecer em 2012. Segundo informações de sua filha, Julia Hobsbawm, a causa da morte fora pneumonia e ocorrera nas primeiras horas da manhã de uma segunda, 1º de outubro daquele ano, em Londres: “Ele fará falta não apenas para sua esposa há 50 anos, Marlene, e seus três filhos, sete netos e um bisneto, mas também por seus milhares de leitores e estudantes ao redor do mundo”, anunciou Julia em resposta à imprensa naquele dia.⁴

⁴Presente em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/10/morre-aos-95-anos-o-historiador-eric-hobsbawm.html>, acesso em 16 de agosto de 2015.

“Até o fim, ele estava se esforçando ao máximo, ele estava se atualizando, havia uma pilha de jornais em sua cama”, concluiu a filha. Era o fim da jornada do velho historiador que atravessou o século XX descrevendo-o com ceticismo, paixão e qualidade. Ficaram seus escritos e a obrigação da leitura de suas obras por parte daqueles que se consideram amantes do ‘século dos extremos’, famoso termo de obra bastante popular de Eric.

“O mundo não vai melhorar sozinho”

Eric

Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. Literatura e Autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. In **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: vol. 4, nº 7, 1991.

BECKER, Marina González. La metanarración em la autobiografía. In **Revista Signos**. Valparaíso: v. 32 nº 45-46, 1999.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

FORTES, Alexandre. Razão e paixão na construção de uma historiografia engajada: uma homenagem a Eric J. Hobsbawm e E. P. Thompson. In **Projeto História**. São Paulo: nº 48, dezembro de 2013.

HOBSBAWM, Eric. **Tempos Interessantes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MIRAUX, Jean-Philippe. **La autobiografía. Las escrituras del yo**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2005.

MORAES, Everton de Oliveira. Um corte radical no tecido da História: o livre uso do passado na narrativa biográfica de Paulo Leminski. In **Revista História da Historiografia**. Ouro Preto: nº 17, abril de 2015.

PONS, Anaclet. De los detalles al todo: historia cultural y biografías globales. In **Revista História da Historiografia**. Ouro Preto: nº 12, agosto de 2013.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In **Novos domínios da história** – (org. Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas). Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

Artículo recibido: 20 de setiembre de 2016

Artículo aprobado: noviembre de 2016

Publicado: Diciembre de 2016